

BIBLIOGRAFIA

AMADEU AMARAL: *O Dialeto Caipira. Gramática — Vocabulário*.
Prefácio de Paulo Duarte. Em: *Obras Completas de Amadeu Amaral*.
Editora Anhembi Limitada. São Paulo, 1955.

Como muito poucos dos nossos homens de letras, Amadeu Amaral teve uma visão adequada do fenômeno social que é uma língua, e soube situar a língua popular e espontânea ao lado da literária e dos problemas estéticos e normativos, que para tantos outros constituem o único objeto digno de estudo.

Do seu salutar ponto de vista foi naturalmente levado a atentar para a língua popular brasileira, fixando-lhe o aspecto dialetal em São Paulo.

Para essa tarefa trouxe excepcionais qualidades de observação, isenção de ânimo e técnica filológica.

A êste último respeito é de justiça salientar a segurança fonética com que surpreendeu e registrou os fatos sônicos do dialeto. Há uma ou outra imprecisão de interpretação e nomenclatura, como quando chama *explosiva* a consoante africada /tx/ (e /dj/) e registra sucessivamente *chará* e *xará* no *Vocabulário* sem esclarecer se isto corresponde a uma variação fonética entre africada e chiante pura (/tx/:/x/). Mas não se pode dizer, como faz o Sr. Paulo Duarte, que nêle é — “tudo produto de inteligência desarmada de qualquer recurso técnico” — (p. 32), apenas porque o pesquisador não teve a seu dispor instrumentos de fonética experimental. O recurso técnico, básico, do foneticista é o apuro auditivo e o bom conhecimento do processo articulatório e das correlações permanentes entre êste e o efeito acústico que se surpreende; os aparelhos de fonética experimental (sejam os mais antigos, de base articulatória, como o palato artificial e o quimógrafo, sejam os mais recentes, com fundamento acústico, como o oscilógrafo e o espectrógrafo) servem para aprofundar e melhor controlar as pesquisas (quando na mão de pessoa que saiba seguramente manejá-los e seguramente interpretar os resultados gráficos, que estão longe de falar por si), mas não constituem um *sine-qua-non* para a pesquisa fonética. Já o recurso da gravação de discos tem outro caráter, e foi pena, com efeito, que Amadeu ainda não tivesse podido utilizá-lo; pois permite uma observação repetida e diuturna dos sons, uma vez ouvidos, para melhor firmar, completar e até corrigir a primeira impressão recebida, sem ser preciso cansar e confundir o informante com pedir-lhe a cada passo que repita a enunciação.

O pensamento filológico que norteou Amadeu Amaral foi uma hipótese, das mais sensatas e plausíveis, que melhor se consubstancia neste seguinte trecho: “... o fundo do dialeto representa um estado atrasado do português e... sobre êsse fundo se vieram sucessivamente entretecendo os produtos de uma evolução divergente” (p. 55). Em outros termos, é o conceito da “*área isolada*” dos neolingüistas italianos, que assim se invoca em contraposição ao conceito de *língua mista*, ou pelo menos profundamente alterada por substratos lingüísticos, a saber — o do negro e o do indígena, “‘refúgio’ de tantos que se cansam a procurar as razões dos fatos obscuros e complicados da linguagem nacional”, como êle próprio comen-

ta noutro ponto (p. 68). E é na linha dessa sua hipótese de trabalho que se explicam as constantes remissões a fatos do português clássico e arcaico, especialmente através de citações nos verbetes do *Vocabulário*.

Entretanto, Amadeu Amaral não se escravizou a esse pensamento interpretativo, que lhe estimulou as pesquisas mas não as deformou num sentido preconcebido. No conjunto e nos detalhes do trabalho nota-se sempre a mais serena objetividade e o mais cuidadoso escrúpulo científico.

Teve a preocupação de surpreender a língua espontânea falada, nunca se baseando exclusivamente em escritos literários, “por mais confiança que os autores dêstes nos merecessem”, como acertadamente declara (p. 82). E para o levantamento dos fatos dialetais, em sua espontânea pureza, formulou seis normas de trabalho, que merecem ser lidas e meditadas por quantos hoje em dia se propõem a fazer colheita de vocábulos e expressões populares (p. 44). O seu senão, neste particular, foi não adotar um alfabeto convencional fonético, simples mas disjungido de interferências com o valor normativo e tradicional que têm as letras no alfabeto comum; assim, o seu uso de *x* e *ch* prende-se à norma ortográfica comum, quando a existência da africada /tx/ no dialeto exigia um critério exclusivamente de registro fonético (se bem seja possível que a distinção gráfica, por coincidência, corresponda à distinção fonética, como parecem insinuar as formas *chará* e *xará*); também a grafia *mea* (p. 153) para a “forma átona proclítica de ‘minha’” não faz justiça ao fenômeno fonético que se quer anotar.

A reedição da Editora Anhembi está feita com esmero e escrúpulo de execução (não surpreendi um único erro tipográfico).

Poderíamos, não obstante, fazer-lhe alguns reparos.

O primeiro vem a ser a mudança da ortografia, que em Amadeu era a oficial portuguesa de 1911. Aqui, sem qualquer ressalva, houve uma adaptação a normas atuais (a começar no próprio título — *O Dialeto Cai-pira*, em vez de — *O Dialecto*. . . , como está na edição de 1920, mas sem se jungir o Editor nem ao *Vocabulário Ortográfico* de 43 nem ao de 45).

O segundo reparo — ou antes sugestão — refere-se a uma das lacunas da 1a. edição, que merecia ser preenchida agora: nos textos literários citados nos verbetes, Amadeu limitou-se a dar o nome do escritor, sem qualquer indicação de página e obra, e na bibliografia inicial (que agora é final) faltam dados bibliográficos precisos.

Também teria sido interessante juntar num *Addendum* algumas das recensões mais expressivas que o livro teve na época. O Sr. Paulo Duarte menciona, em seu *Prefácio*, as de Sílvio de Almeida, Antenor Nascentes e Otoniel Mota, “para citar apenas as principais” (p. 25), esquecendo injustamente as de Sousa da Silveira e José Oiticica. Pelos menos a opinião e as observações desses cinco mestres mereciam ser trazidas ao conhecimento do leitor de hoje para melhor ponderar e aproveitar a obra. Amadeu tinha, aliás, com todos eles grandes afinidades, e o seu pensamento filológico foi influenciado por eles e outros, como especialmente Said Ali, cujas *Dificuldades da Língua Portuguesa* o inspiraram explicitamente na sua interpretação da nossa colocação brasileira das variações pronominais átonas (cf. p. 46 e nota), sendo, pois, inadequado dizer-se, como se faz aqui no *Prefácio*, que Said Ali “endossa” “a doutrina de Amadeu” (p. 33, n. 60). Foi, aliás, também Said Ali que forneceu a Amadeu uma conceituação segura do fenômeno da entoação (cf. p. 43).

Com tôdas as suas magníficas qualidades, o trabalho, tal como Amadeu o publicou em 1920, é uma primeira tentativa, e o Autor assim o considerava. Ele preparava cuidadosamente uma 2a. edição, como nos informa o

Sr. Paulo Duarte (p. 23-4), que parece ter conseguido “arrecadar” alguma coisa neste sentido. Foi pena que não tivesse publicado êsses elementos num *Addendum*, ordenados e dispostos por filólogo de sua confiança (não faltam para isso figuras na Universidade de São Paulo), já que o Sr. Paulo Duarte se confessa lealmente “forasteiro no assunto” (p. 27, n. 51).

Todos êsses reparos não importam, evidentemente, em não reconhecer a oportunidade e o escrúpulo da publicação sob a direção do Sr. Paulo Duarte, que é inegavelmente uma das nossas belas figuras de trabalhador intelectual.

J. Mattoso Camara Jr.

FRANZ TERMER: *Die Halbinsel Yucatán.* Ergänzungsheft 253 zu Petermanns Geographischen Mitteilungen. 80 págs., 14 pranchas e 3 mapas. VEB Geographisch-Kartographische Anstalt Gotha, 1954. (Preço: br. DM 22. —, enc. DM 24. —)

Da primeira à última página, êste livro, de caráter essencialmente geográfico, solicita também a curiosidade do antropólogo. Segundo o autor, especialista em geografia e arqueologia meso-americanas, seria prematura a pretensão de elaborar um estudo monográfico (uma “Landeskunde”) da Península do Iucatã, pouco explorada em suas partes orientais e meridionais, razão pela qual se propõe apresentar uma série de contribuições coerentes entre si, relativas à geografia da região, especialmente sob o prisma das condições econômicas. Trata, assim, sucessivamente da influência da situação geográfica sobre o desenvolvimento cultural, dos fatores físico-geográficos e sua repercussão nas condições demográficas, da fauna e da flora, de aspetos econômico-geográficos (analisando, em sua seqüência histórica, a economia pré-colombiana, a colonial e a da atualidade), do território de Quintana Roo, dos problemas de viação da península e, por fim, dos movimentos de imigração.

Merece menção o cuidado com que Termer põe a descoberto as relações entre a realidade geográfica e as características da organização econômica, bem como a segurança com que delineia as sucessivas mudanças nessas relações desde a época da civilização Maya até os nossos dias. De maneira clara e concisa, aponta os aspectos positivos e negativos da evolução econômica decorrente da ocupação espanhola da península, mostrando, a seguir, como sobretudo nestes últimos decênios, se procura alcançar um aproveitamento cada vez mais racional dos recursos naturais e como a exploração predatória vai perdendo terreno em benefício de atividades de produção planejada.

Causa impressão agradável a presença dos problemas práticos na mente do cientista, de modo que os assuntos que investiga não pairam no ar, dissociados das necessidades do momento. O autor conclui o seu trabalho insistindo em que o potencial econômico do Iucatã é representado pela vegetação, mormente pelas reservas florestais, e em que, por conseguinte, as fontes de produção exploradas desde tempos antigos o serão também no futuro.

Pela sobriedade e clareza com que apresenta as suas observações pessoais, confrontando-as com informes colhidos na literatura especializada, Termer demonstra uma vez mais o alto padrão de trabalho científico que lhe caracteriza os estudos anteriores.

Egon Schaden

WERNER MÜLLER: *Die blaue Hütte.* Zum Sinnbild der Perle bei nord-amerikanischen Indianern. 154 págs. Studien zur Kulturkunde, Bd. XII. Franz Steiner Verlag G. m. b. H. Wiesbaden, 1954. (Preço: broch. DM 14 —, encad.: DM 18. —)